

PREFÁCIO

Em Outubro de 1969, Paulo Freire, que estava leccionando em Harvard, na "Graduate School of Education", foi ao centro nacional do Graal nos EUA para orientar um fim-de-semana sobre "Educação para a libertação". Falando do convite que recebera para vir analisar o trabalho de conscientização dinamizado pelo Graal em Portugal, disse "que não iria conseguir arranjar passaporte". Era para ele uma surpresa ser possível trabalhar "sossegadamente" em Portugal com este método. E alguém presente relatou: "Na primeira noite dei-lhe as cartas dos alfabetizados aí em Portugal que eles escreveram para o Paulo. Precisava ver a alegria na cara dele. Contou para todo o mundo. Disse que ia escrever uma carta para cada um dos que assinavam. No dia seguinte tinha todas escritas." Uma dessas cartas, dirigida "Aos amigos do grupo de S. Bartolomeu" (um pequeno bairro pobre de Portalegre), dizia assim: "No momento em que recebi as suas palavras, estava muito cansado. Suas palavras foram a minha recuperação./ Assim, agradecendo a mim, vocês não estariam imaginando o quanto suas palavras, no momento em que eu as recebesse, iriam ajudar-me./ É assim mesmo. Não há homens isolados e todos necessitamos uns dos outros./ Muito obrigado, pois, pelo que me deram."

Este episódio é o mais directo retrato que posso partilhar nesta homenagem a Paulo Freire.

Paulo Freire, o pensador brasileiro, que é, antes do mais, o homem que, numa extraordinária interacção de teoria e prática, luta pela libertação da sociedade. Foi esse o seu projecto nas Américas, em África, nos grupos que contactou e estimulou em todos os continentes. E sempre de forma leve, com "as palavras dansando na sua estrutura de pensamento", nessa conversa animada, divertida dos intelectuais brasileiros que, libertos das sombras tutelares de Descartes ou Rousseau, jogam com as palavras, inventam expressões que irrompem frescas numa contínua criação.

Paulo Freire, "perseguido por causa da justiça", sentindo simbolicamente o que significava não poder ter passaporte, vivendo dramaticamente, desde que deixara o Brasil, a sensação de apátrida. Essa sua condição acentuou nele a empatia por todos os que vivem o exílio, (diríamos hoje também a marginalização) mesmo no interior de seus próprios países. A sua luta pela libertação toca na raiz mesma da pertença como elemento essencial da identidade.

Paulo Freire, o anti-narcisista, alegre por aquilo que a sua teoria e prática gerou, mas devolvendo a quem ajudou a libertar a autoria do trabalho realizado, sendo assim, de forma simples, directa e franca, irmão solidário.

Foi com estas referências que teve lugar o encontro de Paulo Freire com o trabalho iniciado pelo Graal e que iria tomar aspectos diversos ao longo dos anos - antes e depois do 25 de Abril, alfabetização e acção cultural junto de populações rurais e suburbanas, com temas geradores trabalhados por grandes activistas e cientistas como, entre muitos outros, Lindley Cintra, Bruto da Costa, Barbosa de Melo, Manuela Silva, Teresa Santa Clara; animação



socio-cultural de grupos de mulheres de várias classes sociais para descoberta e acção sobre a sua identidade e opressão específica; círculos bíblicos em que o acontecimento político de cada semana era o desafio para uma leitura do Evangelho segundo a teologia conciliar, já marcada pelos primeiros passos do que viria a ser a teologia da libertação.

Depois do 25 de Abril, muitas iniciativas houve inspiradas no pensamento de Paulo Freire. No entanto, julgo poder afirmar que se deu, algumas vezes, em Portugal, o que sou tentada a chamar uma deriva do processo de conscientização.

Por um lado, a prática socio-cultural segundo Paulo Freire foi em alguns casos prejudicada pela carga ideológica primária de acções conduzidas segundo objectivos pré-determinados. Enquanto Paulo Freire interrogava, os manuais ideológicos davam respostas feitas. Enquanto Paulo Freire desafiava, os manuais ideológicos dogmatizavam.

Por outro lado, a apropriação da "conscientização" pelas instituições do saber, se legitimou o pensamento de Paulo Freire enquanto teoria da transformação socio-cultural da sociedade e da emergência do sujeito no conhecimento feito acto criador, também - como aconteceu, de resto, nas últimas décadas em outros domínios do saber - contribuiu para desligar a teoria da prática, o saber holístico do "corpus" científico especializado.

Este livro prova, porém, que no domínio das ciências da educação há um esforço profundo para revelar a novidade que Paulo Freire trouxe à epistemologia. Para saber, para conhecer, para agir e intervir, é preciso perguntar - e que a pergunta já leva consigo a apetência, se não a intuição da resposta. O processo aberto da aprendizagem supõe a permanência do diálogo - conhecimento através do que se passa entre dois interlocutores. A prática (no velho e rico conceito da palavra "praxis") é sempre acção animada de valores e de sistemas de pensamento. Por seu turno, a teoria, se num primeiro tempo se vislumbra numa intuição fugaz, só se consolida e confirma na prática assumida e reflectida.

Trata-se, neste livro, de repôr algumas questões que têm que ver com o sentido. E assim, necessariamente, com a dignidade fundamental da pessoa humana, com o seu processo, nunca terminado, de se constituir em sujeito histórico. Considero que aí se toca o cerne do pensamento de Paulo Freire e o seu contributo decisivo ao nosso tempo.

Paulo Freire foi um dos primeiros pensadores a dar voz à complexidade - princípio orientador da auto-organização dos sistemas - enquanto raiz da relação teoria/prática. E começou o trabalho sobre a complexidade ao nível mais alto, onde ela é irreduzível a elementos simplistas - ao nível do ser humano. A sua perspectiva de conscientização parte do reconhecimento de que cada pessoa traz em si o universo inteiro - "a cultura é o

acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fêz". Esse reconhecimento vai, por isso, até ao ponto de postular que o processo de conquista da liberdade individual é o detonador do processo de libertação da sociedade.

Perante a complexidade do ser humano, Paulo Freire tenta ver como se pode chegar até ao seu âmago para que ela se revele. É preciso que **cada pessoa se torne consciente de um mundo multi-causal**, numa perspectiva da vida que elimina tanto a diabolização de pessoas ou factos como a sacralização de heróis ou de acontecimentos históricos.

Parte da convicção - que os físicos teóricos têm desenvolvido durante este século - de que o sujeito mantém com o objecto uma relação de alternância entre identificação e distância. Por um lado, **o sujeito é sempre veiculado na observação do objecto** - a sua visão do mundo e das coisas não é independente de quem ele é em todas as ocasiões e do modo como se exprime na sua análise de qualquer situação. Por outro lado, o sujeito não pode existir senão libertando-se dos mecanismos de reprodução cultural e de estruturação social, desse modo **rompendo o laço com o objecto**.

E aqui surge a grande dificuldade da conscientização hoje, exactamente quando ela é tão necessária na sociedade. Como desligar o que está globalmente interconectado? Como pode o sujeito libertar-se de um ambiente social e cultural que é invasor, nivelador, dogmático ainda que aparentemente liberal?

É espantoso que no momento em que se afirmava o post-modernismo, Paulo Freire tenha tornado central o que hoje pode ultrapassar o estilhaçar provocado pelo post-modernismo: o sujeito enquanto "desejo do indivíduo de ser actor da sua própria vida e da história", i.e., **criador de cultura, produtor de sociedade, esteio da "recomposição do mundo"**.

A actualidade do sujeito como central à evolução da história é hoje mais aguda do que o foi no período dos regimes totalitários. É a afirmação do homem que se descobre sujeito capaz de liberdade, que dá origem a uma acção de cultura, que adquire um significado político no jogo das forças sociais. É a situação dialéctica entre liberdade e gesto cultural provocada pelo próprio processo de formação da cultura. Não está ausente desta perspectiva o que permanece do pensamento existencialista: a pessoa humana, consciência de si - com os outros - no mundo. Nem tão pouco a condição de luta, de enfrentamento que o marxismo supõe.

O ser humano, enquanto consciência de si próprio, nasce na tomada de palavra, na capacidade de dizer o eu que sente e pensa em cada circunstância e perante qualquer problema a que faz face. **A tomada de palavra exprime a capacidade de a pessoa se situar criticamente perante o que vê e o que o rodeia**. Descobre-se emergindo do seu meio como sendo-lhe temporariamente exterior.

A conscientização coloca à pessoa desafios (primários, elementares ou complexos) resultante da tentativa de objectivar a situação em que se encontra. Mas através desse simples mecanismo de tomada de palavra face ao desafio que ele evoca, cresce a consciência de sujeito. Por isso, a tomada de palavra é importante etapa do processo democrático na sociedade, do exercício e da aprendizagem da cidadania.

No fim dos anos 60, os acontecimentos sociais confirmam a importância da tomada da palavra. Rompe-se o muro de silêncio e de contenção em que se mantêm as pessoas dentro de todas as instituições. A Universidade é o lugar onde esse muro cai. Começa em Tóquio a contestação universitária, atravessa a Califórnia, até vir a explodir em França. No clima de "contestação" - conceito que então se alarga e se aprofunda - a tomada de palavra é o rito de iniciação de toda a juventude. Nas duas décadas seguintes, os movimentos sociais que vão tentar "mudar a sociedade" encontram nessa tomada da palavra um elemento decisivo da intervenção social.

O mesmo já não se verifica no fim da década de 80 e na década de 90. Neste fim de século, tornou-se cada vez mais difícil o processo de individuação no seio de uma socialização uniformizante, conformista e impregnada de opções pragmáticas. Interiorizam-se os mitos, normas e convenções em voga. Interioriza-se o funcionamento dos esquemas de produção - sempre mais lucro e mais competitividade ainda que, para esse efeito, os homens se tornem peças descartáveis. Interiorizam-se os padrões de consumo na lógica do "cada vez mais" e subordinam-se assim as pessoas às coisas. Geram-se deste modo situações de opressão inimagináveis nos anos 60, mas nem por isso menos graves do que as formas de opressão políticas então claramente denunciadas. É uma nova forma de alienação a que estamos sujeitos hoje.

Ora, ao contrário do individualismo sem limites em que alguns procuram a forma de se libertarem do modelo colectivo - e que afinal não faz senão reproduzi-lo ainda mais fortemente - o processo a que a filosofia de Paulo Freire conduz é a de uma conscientização necessária a todos os níveis, de modo a permitir que cada pessoa possa trazer à superfície o que nela existe de profundamente singular, único instrumento real de que pode dispôr para intervir na sociedade e na história. No seu último livro, Alain Touraine reforça, quase veementemente, esta idêia: "Sujeito é palavra, e o seu testemunho é público, mesmo se ninguém o pode ouvir ou ver."

Embora se multipliquem hoje as conferências, raras são as ocasiões em que os indivíduos ficam expostos à urgência radical de problematizarem os dados que a sociedade, os media e a classe política, os levam a interiorizar. A acção cultural problematizadora dos modelos sociais, económicos e políticos é cada vez mais necessária - proceder ao questionamento da cultura envolvente para que surja outra cultura, sujeita desde logo a nova



etapa de problematização.

Na conscientização de Paulo Freire, a pessoa, consciente de si própria, integrada no seu contexto natural e social, reflecte sobre esse contexto, empenha-se nele, entra em relação com os outros, realiza acções. Situa-se na rede complexa de uma realidade que é espacial (embora em órbitas e trajectórias diversificadas), que é temporal (sem que nem o passado nem o futuro sejam escamoteados mas onde o presente é o real concreto) e que é relacional (desde as relações de proximidade afectiva até à opressão do sistema sem fisionomia e sem nome). No processo de passagem à consciência crítica, a realidade de cada pessoa aparece-lhe como objecto, como uma relação a que faz face e não já como um meio em que se dilui.

Se se confronta a realidade enquanto sujeito, a realidade desperta na pessoa uma multiplicidade de respostas segundo os momentos e os outros sujeitos que a enfrentam. As respostas da pessoa fazem dela uma consciência crítica, voltam para ela como um eco, objectivadas, desligadas de si. Por isso, as respostas da pessoa fazem a pessoa. E isto porque a resposta na filosofia de Paulo Freire não é uma opinião: é reflexão, crítica, invenção, escolha, decisão, organização, acção.

Na medida em que a pessoa responde aos desafios, faz cultura, transforma a sua parte de mundo. Ao criar cultura, traça a história, serpentear errático de palavras e relações através do tecido da vida quotidiana que só esporadicamente emerge enquanto acontecimento extraordinário. Fazedora de história, a pessoa é centro de decisão. A passagem da consciência ingénua à consciência crítica vem assim carregada de uma forte componente política.

Por isso a problematização da situação nunca pode ser neutra. Cada vez mais as análises aparentemente objectivas estão impregnadas de uma carga profundamente ideológica, ainda que não escolhida. Carga política?! Dirão alguns que não - pois não terminou a Guerra Fria e não ruíu o comunismo?! Mas de escolha política se trata, sim, disfarçada embora de simples consequência da ordem vigente, a da economia do mercado. É que o lugar da política se identifica cada vez mais com o lugar da economia, na sua visível incapacidade de internalizar os custos de tudo o que rouba aos humanos a sua qualidade de vida. O lugar da política não pode ignorar que o mercado é cego e que nas suas leis implacáveis não entram os pobres, os fracos, os vulneráveis, os não-organizados.

A problematização desta realidade não pode ter lugar hoje unicamente, como na maioria das realizações dos anos 60 e 70, nos "círculos culturais" com os mais oprimidos dos bairros pobres e das zonas rurais. São todos os homens, todas as mulheres, que, ao entrarem num processo de conscientização, poderão problematizar os nós de irracionalidade existentes na sociedade e reforçados pelos aspectos perversos da globalização.

Também a sociedade de hoje precisa que descubramos os temas geradores a partir dos quais se pode chegar à compreensão de que não há relações de causa a efeito biunívocas e perfeitas, mas que tudo é simultaneamente causa e efeito num enredado de factos e razões múltiplos. Toda a denúncia que não resulta desta problematização e da descodificação que ela exige não é senão demagogia, alienação de quem enuncia e reforço da alienação de quem ouve o enunciado.

E aí, então, sim, é possível anunciar o novo: intuições, propostas, simples brechas. A liberdade toma hoje essa forma: a libertação em cada pessoa da capacidade de palmilhar o longo caminho que a torna sujeito e de, colectivamente, podermos exprimir o anúncio que transforma e reconstrói um "inérito viável" - nas relações inter-pessoais, nas instituições, na cultura, na sociedade.

É esta mensagem que o livro "Política e pedagogia" transmite. Estamos longe de uma "pedagogia" que apenas fosse uma outra "tecnologia educativa" ou mais um substituto científico para o envolvimento com a fisionomia multi-facetada da realidade. Trata-se da pessoa, das relações entre os que socialmente são tidos como ensinando e aprendendo. Se método existe, ele é o resultado de uma vivência e a procura de um caminho de liberdade para cada pessoa. O que Paulo Freire propõe é de facto um objectivo político, no mais exacto e nobre sentido que a política pode ter: "Educação para a libertação".

Fundação Cuidar o Futuro